

■ Pensar os livros didáticos de geografia na perspectiva da educação do campo

Thinking geography textbooks from the perspective of field education

 Francilane Eulália de Souza *
Vinicius Azevedo de Oliveira **

Recebido em: 18 fev. 2022
Aprovado em: 6 maio 2022

Resumo: A partir de 1990, o movimento de Educação do Campo colocou em pauta o debate sobre a educação que se fazia no campo brasileiro. Assim, os instrumentos didáticos para o ensino no campo também passam a ser abarcados e o livro didático passou a fazer parte das políticas por uma educação do campo por meio do PNL-D-Campo. Nesse contexto, este artigo apresenta as análises sobre os conteúdos contidos na coleção de livros didáticos de Geografia Expedições Geográficas e Geografia Homem & Espaço, voltadas para o ensino fundamental II em Geografia, observando se elas permitem pensar o território em sua totalidade, abrindo possibilidades para valorizar a identidade territorial camponesa. Para tanto, partiu-se da pesquisa bibliográfica e da documental. Concluiu-se que as coleções analisadas vêm concorrendo para uma não valorização da identidade territorial camponesa, sendo necessárias as teorias da educação do campo na desconstrução teórica dessas coleções para a busca da valorização do campo como espaço das múltiplas dimensões da vida.

Palavras-chave: Livro didático. Identidade Territorial Camponesa. Geografia.

Abstract: Since 1990, the Field Education movement put on the agenda the debate about the education that took place in the Brazilian countryside. Thus, the didactic instruments for teaching in the countryside are also covered and the textbook became part of the policies for rural education through the PNLD-Campo. In this context, this article presents the analyzes of the contents contained in the collection of Geography textbooks Geographic Expeditions and Geografia Homem & Espaço, aimed at elementary education II in Geography, observing whether they allow us to think about the territory in its entirety, opening possibilities for value peasant territorial identity. For that, we started with bibliographic and documental research. It was concluded that the analyzed collections have been contributing to a non-valuation of the peasant territorial identity, being necessary the theories of rural education in the theoretical deconstruction of these collections in order to search for the valorization of the countryside as a space of multiple dimensions of life.

Keywords: Textbook. Peasant Territorial Identity. Geography.

* Francilane Eulália de Souza é licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1999), bacharela em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2001), mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2003), doutora em Geografia pela UNESP-Presidente Prudente. Doutorado Sanduich pela Universidade de Alicante- Espanha. Professora titular da Universidade Estadual de Goiás Campus Nordeste. Líder do GEPER - Grupo de Estudo e Pesquisa do Espaço Rural. Contato: francilanee@hotmail.com

** Vinicius Azevedo de Oliveira - Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: vinyoliveira18@hotmail.com

Introdução

Na década de 1990, no Brasil, surgiu o movimento que defende a educação no/do campo, fornecendo subsídios para se pensar o livro didático voltado para o ensino básico numa perspectiva de valorização da identidade territorial camponesa e, por conseguinte, do fortalecimento do território do camponês. O livro didático é um dos principais instrumentos de ensino nas escolas no campo do ensino básico, sendo, para muitos dos alunos camponeses, o primeiro livro com o qual eles têm contato (SOUZA, 2020). Assim, frequentemente esse instrumento vem se configurando como o único material de estudo do alunado camponês.

É nesse contexto que apresentamos as análises da coleção de livros didáticos de geografia – manual do professor – intitulada Expedições Geográficas, voltada para o ensino fundamental II, e a coleção titulada de Geografia Homem & Espaço, estas já estão adequadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo sido selecionadas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e editadas em 2018. Essas são coleções utilizadas nas escolas municipais e estaduais situadas no campo do município de Formosa.

Então, neste artigo, apresentamos análises sobre os elementos contidos nas coleções de livros didáticos supracitados, atentando-nos para observar se tais coleções permitem pensar o território em sua totalidade, abrindo possibilidades para refletir sobre a identidade territorial camponesa e valorizá-la. Para isso, buscamos a pesquisa bibliográfica e a documental, primeiramente, para a execução da pesquisa, tendo a identidade territorial camponesa como uma de nossas categorias centrais de análise, alicerçada nas teorias da educação no/do campo. Nesse contexto, uma das principais contribuições deste trabalho é justamente colocar em pauta um dos objetivos da educação do campo, isto é, que ela seja alicerçada por instrumentos didáticos que priorizem o modo de vida do camponês.

Por fim, apresentamos os resultados entendendo que a pesquisa em educação, independente do momento, é um desafio constante por estar atrelada a uma instituição em constante movimento.

Trilhos e desafios da pesquisa ligada ao livro didático

O caminho primeiro para a execução da análise de conteúdo das coleções de livro didático, cerne dessa pesquisa, foi a pesquisa bibliográfica e documental. Assim, partimos do princípio de que o livro didático não é apenas um instrumento de ensino na escola, tampouco é desprovido das ideologias dominantes; então, ele pode tanto valorizar a identidade camponesa como

rechaçá-la, reproduzir ou não os modelos vigentes no meio rural ou urbano. Por isso, analisar o livro didático é tão importante. Nesse sentido, Lajolo (1996, p.4) nos adverte que, embora o livro didático “[...] não seja o único material de que professores e alunos vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares”.

Nesse contexto, na busca pela execução da pesquisa, partimos para o levantamento e a análise de fontes secundárias (bibliográficas). Nessa ação, localizamos bibliografias ligadas ao objeto de estudo desta pesquisa, assim como realizamos a compilação do material bibliográfico e o fichamento para posterior identificação das publicações relacionadas, particularmente, com o livro didático e sua aplicação no ensino de Geografia no Brasil, numa perspectiva interdisciplinar com a educação do campo.

Selecionamos, para nossa análise, a coleção de livro didático – manual do professor – de Geografia, intitulada Expedições Geográficas, de Melhem Adas e Sérgio Adas, e o Geografia Homem & Espaço, de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lázaro Ramos Branco, versões já adequadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas coleções, voltadas para o ensino fundamental II, foram escolhidas porque vêm sendo adotadas nas escolas municipais do campo de Formosa, que recebem maior quantitativo de alunos, assim entendemos que as mesmas representariam um universo maior de alunos usuários de livro didático no município supracitado. Elencamos para as análises o manual do professor, pois esse evidencia mais claramente as perspectivas paradigmáticas voltadas ao professor, fato que não fica evidente no livro didático voltado para o alunado.

Para a análise das coleções, utilizamos parâmetro de cunho geral, ligado à coleção em seu todo, e específico, compreendendo as análises pormenorizadas de cada volume da coleção. Os parâmetros gerais foram: apresentação geral dos volumes da coleção (capa, páginas, editora, ano de edição); editorial (qualidade do papel, estrutura hierarquizada; impressão, legibilidade do texto e das figuras); ilustrações (legendas adequadas, escala, orientação, indicação de fontes e datas); organização da coleção (estrutura de organização do livro); perfil das atividades (tipo de atividade e possibilidades de estímulo ao desenvolvimento de competências e habilidades); categorias, conceitos e temas que fundamentaram as abordagens da coleção. Já para a análise de cunho específico de cada volume, os parâmetros foram: categorias e conceitos norteadores; termo utilizado para designar o campo; dimensão em que os autores enfatizaram o campo; formas de representar o campo; caracterização do “campo”; caracterização do camponês; ênfase em determinadas dimensões (política, social, econômica etc.) do campo; possibilidades

para trabalhar com a identidade territorial camponesa. Essas categorias, conceitos e dimensões, foram elencadas considerando que marcos legais e as teorias defendidas pelo movimento da educação do campo consideram relevantes pensar os componentes pedagógicos a partir do território do camponês, enfatizando as diversas dimensões e valorizando o modo de vida do campesinato. Assim, apresentamos neste artigo as análises das coleções supracitadas, tomando a educação no/do campo e a Geografia escolar como foco central da análise.

Discussão teórica para pensar o livro didático de Geografia no campo

O conteúdo dos livros didáticos, no Brasil, vem sendo determinado pelo currículo mínimo adotado no Brasil, orientados a partir dos currículos oficiais, como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), instituídos na década de 1990, e, atualmente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os livros didáticos também passaram a fazer parte dos debates e discussões do movimento de educação do campo e, em 2013, foi instituído o PNL-D-Campo. Assim, o alunado camponês do ensino fundamental I passou a receber livros didáticos específicos. Nesse contexto, é reafirmada a perspectiva do livro didático como um território em disputa. O movimento de educação do campo, ao compreender a importância do livro didático no campo, toma para si o compromisso de pensar nesse instrumento didático, como política pública; assim, “Na perspectiva da Educação do Campo, o material didático integra um conjunto de estratégias elaboradas pela classe trabalhadora do campo no seu processo de disputa por um modelo de escola, de campo e de sociedade” (BRASIL, 2016, p.16).

Então, na escolha do livro didático, precisamos estar atentos aos discursos implícitos. Concordamos que “essa escolha precisa estar atrelada aos objetivos de ensino, os quais, por sua vez, precisam ser adequados à realidade do alunado, do professor, da escola e, acima de tudo, ao projeto político pedagógico da escola” (SOUZA, 2020, p. 22). Nesse contexto, entendemos que alguns elementos precisam ser analisados e considerados no livro didático adotado no campo, como:

- se a abordagem sobre o campo é totalizante, valorizando as singularidades do espaço agrário e agrícola, em que o primeiro aspecto é espaço que dá ênfase às questões sociais no campo e o segundo aquele que prioriza a produção e a produtividade no campo, tomando cuidado com o discurso que supervaloriza somente um desses debates. O campo é constituído por fenômenos espaciais rurais em sua totalidade, logo, os aspectos sociais, culturais e econômicos que envolvem a produção e a

produtividade agrícola caminham de forma dialógica, assim não podemos separar agrário do agrícola;

- discussão plural ligada às múltiplas dimensões (social, política, econômica) deve ser priorizada. É comum nos livros didáticos uma ênfase à dimensão econômica em detrimento da social;
- o debate entre campo e cidade também deve ser analisado, observando se há sobreposições de um território sobre o outro ou se há excessivo conteúdo de um espaço em detrimento da ausência do outro.

Nessa mesma direção, no guia do PNL-D- Campo chama a atenção para o fato de que:

O Campo e seus Sujeitos se relacionam também com a Cidade e seus Sujeitos por vários caminhos. Historicamente, essa relação vem sendo considerada na perspectiva da dicotomia, com um viés que desqualifica o campo como lugar de possibilidades. Criar condições para que os diferentes elementos do livro didático traduzam essa relação na perspectiva de fronteiras com a consequente superação da leitura depreciativa é desafio das obras didáticas (BRASIL, 2016, p.16).

Estes e outros critérios supracitados podem ser observados para a escolha de um livro voltado para alunos do campo. A observação desses pontos nos auxilia a pensar no papel que tem o livro didático para a identidade territorial camponesa, sendo essa a fonte de significado e experiência de um povo (CASTELLS, 2006), que são constituídos por meio das relações que são construídas no território, marcadas, cotidianamente, por um poder que consolida um território material ou/e imaterial. Assim, a identidade territorial camponesa é também é:

[...] aquela construída a partir de uma alusão ao território e ao sujeito. Essa é resultante de significados e experiências constituídas por meio das relações, marcadas, cotidianamente, por um poder que caracteriza um território material ou/e imaterial. Assim, por entendermos que o território é multidimensional, não podemos aferir a essa identidade só a identificação com os elementos culturais que se dão no território, tão pouco somente com a dimensão econômica, logo a identidade territorial camponesa pode se estabelecer numa totalidade territorial que abarque essas dimensões (SOUZA, 2020, p.5)

Ademais, no Brasil atual, a identidade territorial camponesa é marcada por uma territorialização que se faz a partir da luta pela terra, no período do acampamento; logo, ela se constitui por reuniões, articulações, manifestações, passeatas, despejos, dificuldades e privações materiais nas moradias improvisadas em barracas de lona, mas, também, pela conquista da terra materializada no momento do assentamento. Desse modo, ela também está marcada pelas relações de cooperação: o mutirão, a tração e as reuniões festivas.

Essas e outras características da identidade territorial camponesa poderiam ser abordadas no livro didático de Geografia. Se não estiverem sendo, o professor precisa avaliar a necessidade de complementar o conteúdo com essa abordagem, pois, segundo Albuquerque (2011, p. 262), “quando os professores tomam o livro didático como guia de suas funções práticas, o livro didático torna-se um currículo”. Além disso, a LDB garante, ainda, conforme o Art. 28: “Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural” (BRASIL, 1996).

Pensar e analisar as coleções de livro didático de geografia na perspectiva da Educação do Campo

A Geografia tem papel fundante na consolidação da educação do campo, pois essa não é apenas uma disciplina de síntese, mas é um componente cuja relação espaço/tempo/território permite pensar, analisar e apontar os elementos que compõem a identidade territorial camponesa. Assim, nesse processo, os livros didáticos também são instrumentos importantes e precisam passar por uma escolha criteriosa. Esse fator vem motivando nosso exercício de pensar o livro didático adotado nas escolas situadas no campo. Ao longo dos anos, estamos fazendo esse exercício de forma dialógica com as teorias e práticas da educação do campo a partir de projetos de pesquisa.

Nesse contexto supracitado, focamos as análises nos quatro volumes de livros didáticos da coleção Expedições Geográficas (manual do professor), de autoria de Melhem Adas e Sergio Adas, publicados pela editora Moderna e adotados no ensino fundamental II na escola Agrícola de Formosa Lucila Saad Batista, e o volume da coleção Geografia Homem & Espaço, de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lázaro Ramos Branco, publicado pela editora Saraiva e adotado no ensino fundamental II, no Colégio Estadual Vale da Esperança, também situado no município de Formosa.

Uma das coleções do livro didático de Geografia foi utilizada pela escola Agrícola de Formosa Lucila Saad Batista. Essa escola está localizada a 30 km de distância da área urbana do município de Formosa e surgiu em 1988 para atender filhos de assentados. Em 2020, ela contava com aproximadamente 400 alunos. Outra escola pesquisada foi o Colégio Estadual Vale da Esperança. Este conta, atualmente, com 110 alunos e está localizado a 70 km de distância da área urbana do município de Formosa. Ele surgiu em 1988 para atender

filhos de assentados. Vale destacar, também, que no município de Formosa existem 17 assentamentos oriundos da reforma agrária. Sendo assim, as escolas no campo desse município recebem alunos cuja identidade é marcada pela luta pela terra.

Quanto à análise dos livros didáticos, como já destacado, nesse primeiro momento, nós analisamos os quatro volumes de livros didáticos da coleção Expedições Geográficas, de autoria de Melhem Adas e Sergio Adas, publicado pela editora Moderna, adotada na escola Agrícola de Formosa Lucila Saad Batista. Assim, observando a diagramação da coleção, podemos destacar que ela é constituída de capa brochura, organizada em quatro volumes, cada um com oito unidades temáticas e estas com quatro percursos, com quantitativo de páginas que variam de 248 a 288 páginas, dependendo do volume. A qualidade do papel é razoável, visto que é possível ver o outro lado da folha. O tamanho de letra está legível, mas, com muitos textos e espaço simples entre as linhas. As figuras atravessam praticamente todos os textos.

Quanto à coleção adotada no Colégio Estadual Vale da Esperança - Geografia Homem e Espaço, de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lázaro Ramos Branco, publicada pela editora Saraiva, observou-se que a diagramação da coleção é constituída de capa de brochura, organizada em quatro volumes, com quantitativo de 240 a 266 páginas, dependendo de cada volume. A qualidade do papel é boa, pois não apresenta transparência. O tamanho da letra é legível, os textos são bem distribuídos pelo corpo do livro, contendo bom espaçamento entre linhas. As figuras auxiliam na interpretação e na interação com o texto, apresentando nitidez. As ilustrações apresentam todas as características necessárias para uma interpretação coerente, sendo elas: fonte e data, legenda, orientação e escala, assim como em relação às representações cartográficas, tabelas e gráficos. As ilustrações, nessa coleção, servem como complementação das leituras, possibilitando a interação com o alunado.

Analisando como tais coleções foram estruturadas, podemos destacar que elas se organizam por meio de elemento que abre as unidades. Possuem, também, outros recursos que apresentam o conteúdo. Esse está praticamente presente em todos os capítulos. Existem, ainda, outros aportes distribuídos ao longo das coleções, como textos e *sítes*. Observam-se, ainda, os infográficos, que aparecem de forma esporádica para apresentar os conteúdos por meio de ilustrações. Além disso, há recursos que apresentam técnicas de estudo.

Na coleção Expedições Geográficas, para encerrar parte das unidades, os livros possuem ainda os tópicos intitulados de: desembarque em outras linguagens e caminhos digitais. Esses trabalham com a abordagem interdisciplinar e a cultura digital, respectivamente. De

modo esporádico, também aparecem as seções laterais que sugerem livros, vídeos, *sites*, além de contarem, também, com o recurso intitulado no seu contexto, que propõe atividades articuladoras.

Observando todos esses recursos, essas obras podem ser designadas de livros de terceira geração, como destaca Tonini (2011) para se referir aos livros que utilizam diversas formas textuais. Além disso, podemos afirmar que esses livros didáticos vêm apresentando maior possibilidade de interação com o estudante, sendo que é claro que isso dependerá do professor, posto que esses recursos precisam ser explorados por eles.

Quanto às categorias da geografia norteadoras das coleções, podemos observar o debate mais direto ligado à categoria espaço, paisagem, lugar e território. Além disso, há também a abordagem das categorias: sociedade, indústria, urbanização e Geografia agrícola e agrária. As ilustrações auxiliam na leitura e compreensão de texto. Essas possuem fonte e data além de todos os elementos cartográficos necessários, como: legenda, orientação e escala.

Em relação às atividades ligadas ao conteúdo sobre o espaço rural, na coleção Expedições Geográficas, podemos constatar que essas são votadas majoritariamente para a geografia agrícola por meio de sugestão de leitura de livros ligando a interpretação de mapas e de figuras relacionadas à produção agrícola e à análise de infográfico. Elas contam, ainda, com a sugestão de *sites* sobre biotecnologias. Também, de forma mais escassa, estão presentes a geografia agrária com sugestão de vídeos sobre os impactos dos agrotóxicos e sobre o MST. Há, ainda, as atividades do percurso com questões dissertativas e de múltipla escolha sobre todo o conteúdo e análises de charges. Embora percebamos a geografia agrária nessas atividades e uma tentativa de aproximar a realidade do aluno ao conteúdo, há uma predominância de atividades ligadas à geografia agrícola.

Na coleção Geografia Homem & Espaço, de Elian Alabi Lucci e Anselmo Lázaro Ramos Branco, existem poucas atividades voltadas para temáticas do campo, sendo um total de oito atividades (páginas 74, 75, 91, 176, 185, 197, 222, 224), com maior ênfase nos livros do 6º e 8º anos. Tanto as atividades, quanto os conteúdos voltados para o campo demonstram falhas nas informações, havendo apresentação do conteúdo de forma solta, com tendência a pouca ênfase a dimensão social.

Foi percebido que o campo e os assuntos sobre o uso das terras são retratados como essenciais para a produção agropecuária de exportação, e, com isso, a coleção deixa a critério do professor a busca por formas de adentrar e discutir conteúdos ligados à geografia agrária e à valorização da cultura camponesa. As atividades ligadas ao campo são tradicionais e abrem poucas possibilidades para debates e reflexões que visam à

valorização do camponês, isso quando são encontradas no livro, tendo tendência a mascarar as contradições e as consequências advindas da implantação do agro-negócio e da agropecuária. Percebe-se, assim, que há uma valorização da Geografia agrícola.

Pensar a categoria e a perspectiva em que os livros didáticos vêm se apresentando para designar o campo é um exercício importante, visto que precisamos entender esse território a partir da sua totalidade, da sua diversidade, multiescalaridade e multidimensionalidade, de modo que o termo empregado deve abarcar teoricamente todos esses elementos. O significado desse território, constituído no livro didático, precisa ser uma das preocupações dos professores, pois é necessário pensar o campo como um território, também, a partir das multiterritorialidades e possibilidades para a construção das relações sociais.

No senso comum, os termos: rural, campo, agrário e agrícola são tomados por sinônimos, mas sabemos que eles são divergentes. Trata-se de concepções e formas distintas de ver esse território que tem sido levantadas. Assim, concordamos com Andrade (1995) que, ao distinguir a Geografia Agrária da Geografia Agrícola, apresentando perspectivas distintas das mesmas, nos ajuda a entender os termos supracitados:

As preocupações sociais, integradas à problemática da estrutura agrária e das relações de trabalho no meio rural, contribuíram para caracterizar uma geografia agrária que se distinguiria do que se chamaria de geografia agrícola ou da agricultura, onde a preocupação maior se ligava aos problemas de produção, de mercado, de produtividade e de rentabilidade (ANDRADE, 1995, p.10).

A Geografia Rural, conforme Andrade (1995), tinha uma preocupação maior com a totalidade do conhecimento abarcando a dimensão econômica e social.

A distinção dessas geografias contribui para a diferenciação dos termos: agrário, agrícola e rural. Assim, entendemos que o termo agrícola está vinculado à produtividade, à produção, à rentabilidade e a outras perspectivas mais voltadas para a dimensão econômica no meio rural. Já o termo agrário está vinculado à dimensão social nesse espaço supracitado. O termo rural abarca os estudos em sua totalidade dimensional.

A educação do campo retoma o conceito de campo para o movimento, entendendo sua importância, assim como explicam Arroyo, Caldart e Molina (2004, p. 25): “Decidimos utilizar a expressão campo e não a mais usual meio rural, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho”.

Assim, podemos afirmar que o conteúdo ligado ao campo nas coleções é relativo à geografia agrícola, com

os seguintes temas gerais: a agricultura; a agricultura e as condições naturais; a geografia agrícola do Brasil: sistemas de produção e uso da terra; a agricultura e a disseminação de plantas; a pecuária; a cafeicultura e a produção de espaços geográficos no Sudeste, o maior produtor e o maior consumidor e, vários temas ligados à agropecuária no Brasil e na América Latina.

Havia também, com menor ênfase, outros conteúdos, ligados à geografia agrária, como: a concentração e a questão da terra na América Latina, o direito humano à alimentação adequada e a soberania alimentar dentre outros.

Outra análise que realizamos foi quanto à forma como o campo é apresentado nas coleções e percebermos que ele é, majoritariamente, caracterizado por meio da Geografia agrícola, ressaltando técnicas agrícolas, agricultura, o clima, o relevo, o solo, os tipos de agricultura, os sistemas de produção e uso da terra, além da pecuária, apontando as formas de criação de gado.

Quando trabalham com a geografia agrária, apresentam um debate ligado à questão da terra no Brasil, com ênfase para a concentração fundiária e o movimento dos trabalhadores rurais. Vale ressaltar que há breves passagens (p.212) sobre o trabalho análogo à escravidão no campo e os problemas ambientais ligados à produção de cana de açúcar, tudo isso em apenas cinco parágrafos, ocupando um quarto de página da coleção Expedições Geográficas. Contudo, percebe-se que nessas coleções é a geografia agrícola que predomina nos conteúdos ligados ao campo.

Outra análise foi sobre como o camponês é caracterizado nessas coleções. Então, na coleção Expedições Geográficas, no livro do 6º ano, o termo “camponês” não é utilizado, é empregado o termo “agricultores” que aparece quase sempre em fotos. Quando o termo agricultor aparece é para demonstrar a produção agrícola. Logo, o “agricultor” aparece colhendo ou plantando algum produto agrícola. Outro termo que utilizado é o de lavrador, que também surge para inferir a plantação (p.208). Aparecem também, de forma tímida, o termo pequeno proprietário e pequenos arrendatários e, segundo o autor, esses sujeitos geralmente utilizam mão de obra familiar para sua produção (p.211). Na página 213, o autor faz menção às ligas camponesas, mas não explica o que foram ou o seu papel na luta pela terra.

No livro do 7º ano, analisando as partes em que há um aprofundamento sobre o conteúdo ligado ao campo, não aparece menção ao camponês, há apenas uma foto com trabalhadores rurais. É um campo sem sujeito. Também, analisando o 8º ano, nas partes em que há um aprofundamento sobre o conteúdo campo, aparecem duas menções ao camponês, quando há sugestão de filme sobre o Zapata, o autor infere que ele era um camponês. Ainda, na página 192, há menção a essa

categoria para destacar uma figura com manifestação pela posse da terra; entretanto, no texto, os autores se referem a trabalhadores rurais também. Na página 192, há menção a camponeses e pequenos proprietários sem fazer diferenciação desses conceitos, o que pode confundir o alunado. E, por fim, no 9º ano, nas partes em que há o aprofundamento sobre os conteúdos ligados ao campo, esse sujeito não aparece. Aparecem populações que saem do campo (p.50). É preocupante o fato de todas essas categorias serem utilizadas sem fazer a devida distinção delas, visto que isso pode confundir os alunos e dificultar as diferenciações e conceituações.

Já na coleção Geografia Homem & Espaço, não há referência à categoria camponês, mas sim, à categoria agricultor. Na abordagem sobre os sistemas agrícolas, encontramos um subtítulo intitulado “O sistema de roça” (pag. 201), no livro do 6º ano, tratando o camponês como “Agricultor” sem trazer qualquer explicação sobre o modo de vida camponês.

Outra análise de suma importância foi como as figuras, ilustrações e mapas retratam o campo, procurando observar quais sujeitos ou situações são mais representados nelas nas duas coleções. Assim, majoritariamente, as figuras ligadas ao campo retratam a geografia agrícola, pontuando a produção agropecuária que aparece em praticamente todas as fotos. Mesmo quando o camponês ou o trabalhador rural aparece, ele está colhendo ou plantando algum produto agrícola. Enfim, o grande produtor capitalista é o principal representado nessas figuras. Os mapas também só retratam a produção agrícola. Em poucas passagens, podemos observar a geografia agrária retratando a questão agrária no Brasil por meio de charges.

De modo geral, as ilustrações, os mapas e as tabelas, inseridas nessas coleções, estão sendo utilizadas em grande porcentagem para ilustrar ou especializar a geografia agrícola. Nesse contexto, é preciso que o professor fique atento para o fato de que é preciso:

Examinar a imagem veiculada nos livros didáticos de Geografia como produtora de significados, que utiliza diversas estratégias implicadas em relações de poder para tecer uma malha privilegiada para determinados conhecimentos, é entender que o significado não existe no mundo, não é encontrado como elemento da natureza, como algo que está vagando, o qual basta pegarmos para colocar sobre as coisas, sobre os objetos que está (TONINI, 2011, p. 153).

Nesse sentido, caberá ao professor questionar o significado dessas figuras e desconstruir o significado inverso que está por trás desses textos visuais.

Analisamos, também, as dimensões (política, social, econômica etc.) que estavam predominando nas coleções. Praticamente, todo o conteúdo ligado ao campo enfatiza a dimensão econômica, o social é retratado de

forma breve por meio de problemas ligados à questão da terra no Brasil, com ênfase em concentração fundiária e movimento dos trabalhadores rurais. O camponês, quando aparece, é para destacar a produção na qual ele está envolvido, seja colhendo ou plantando.

O livro didático, ao abordar apenas a dimensão econômica, prioriza um discurso que não revela esse território em sua totalidade. Esse fato não contribui com um dos principais objetivos da geografia, que é, sobretudo, entender a dinâmica socioespacial e, a partir disso, questionar e, se for necessário, instigar os sujeitos para a transformação da realidade.

Por fim, avaliamos, também, se os volumes das coleções abrem a possibilidade para a valorização da identidade territorial camponesa. Concluímos que, em função da ênfase na Geografia agrícola e na dimensão econômica e pela predominância de imagens que retratam o paradigma do capitalismo agrário, essa possibilidade é escassa. Desse modo, caberá ao professor desconstruir o discurso presente no livro e, por vezes, complementar o conteúdo com material didático que problematize as questões e apresente o campo como espaço de reprodução de vida, como locus de vida também do camponês.

Considerações finais

Ao longo dos anos, percebemos que o livro didático no campo vem se colocando como uma referência para pensar o campo e seus sujeitos dentro de uma política pública de reconhecimento da Educação do Campo. Assim, esse pode ser um instrumento para se pensar nos conteúdos, textos, categorias, atividades e ilustrações numa perspectiva de valorização do território do camponês.

Nas análises das coleções dos livros didáticos apresentadas nesse artigo, constatamos que tais coleções vêm concorrendo para uma não valorização da identidade territorial camponesa, visto que o campo foi representado majoritariamente por meio de abordagens ligadas ao tema agricultura, sendo que a atividade agrícola aparece com ênfase. Percebemos que essa abordagem focava, sobretudo, uma geografia dicotômica em detrimento de uma abordagem mais totalizante.

Percebe-se ainda que, nos volumes da coleção Expedições Geográficas, houve uma preocupação em adotar

um único termo específico para designar o campo, entretanto, a sua representação é escassa, e não houve preocupação em definir o significado dos diversos termos adotados (camponês, produtor rural, trabalhador rural). Além disso, foi priorizada uma abordagem compartimentada dos conteúdos, sendo que as análises ligadas ao campo estão concentradas em um ou dois capítulos dos volumes. O volume que tem mais conteúdos ligados ao campo na coleção Expedições Geográficas é o do 6º ano, enquanto que na coleção Geografia Homem & Espaço está concentrada no 7º ano.

O estudo da geografia agrícola é priorizado em todos os livros das coleções analisadas, entretanto, percebe-se maior cuidado com a geografia agrária, nos volumes dos 6º e 8º anos, da coleção de livros Expedições Geográficas e do 7º ano na coleção Geografia Homem & Espaço. É pouca a preocupação com uma abordagem que permita ao aluno dialogar, pensar e construir sua própria criticidade acerca da realidade sociocultural de seu território, cabendo ao professor a preocupação com uma *práxis* que permita aproximar o conteúdo à realidade campesina. Observamos, também, nos conteúdos, ênfase na dimensão econômica e não para a vida no campo. Essa abordagem enfatiza a valorização do campo como um espaço de produção agropecuária, desmerecendo a sua importância como território multidimensional.

Os volumes das coleções mencionam a reforma agrária em poucas páginas. Há que se ressaltar a importância ímpar desse tema para o campesinato, com a eleição da categoria camponês, reconhecendo a sua existência e resistência no meio capitalista. Os alunos que estudam nas escolas que adotaram as coleções de livros didáticos são também camponeses assentados, o que torna de suma importância uma abordagem de cunho crítico, que reconheça a importância da reforma agrária no Brasil, na valorização da identidade territorial camponesa.

Apesar das fragilidades encontradas nos livros de geografia, estes são, muitas vezes, o principal instrumento que auxilia na aprendizagem. Assim, será na *práxis* docente que essas lacunas serão suprimidas, com métodos e metodologias voltadas ao ensino de geografia que valorize o território campesino. Para isso, o professor precisará fazer a desconstrução do livro didático, buscando reconhecer suas fragilidades. Assim, as teorias da educação do campo podem auxiliar, especialmente, para uma leitura crítica desse material didático. ■

Referências

- ANDRADE, M. C. de. Geografia rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. In: **Encontro Nacional de Geografia Agrária**, 12. 1995, rio claro. Anais [...]. Vol. 1, AGETEO – Rio Claro. 1995. p. 3-14. (Mesa redonda).
- ARROYO, M.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Editora vozes. 2004.

- ALBUQUERQUE, M. A. M. de. **Livros didáticos e currículos de Geografia**: pesquisas e uso. *In*: TONINI, I. M. *et al.* O ensino da Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS. 2011. p. 155-168.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo** – Resolução CNE/CEB n. 1, de 03 de abril de 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o programa nacional do livro didático do campo**. 2016. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/5373-edital-pnld-campo-2016>. Acesso em: jan. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia PNDL-Campo 2016**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/6575-guia-pnld-campo-2016-%E2%80%93-anos-iniciais-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- SOUZA, F, E. de. **Perspectivas teóricas e metodológicas para se pensar a identidade territorial camponesa nos livros didáticos de geografia**. RIET, Ano I. Volume I. Número I Julho/Dezembro de 2020. p.16-33. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/riet>.
- TONINI, I. M. **Livro didático: textualidade em rede?** *In*: TONINI, I. M. *et al.* O ensino da Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS. 2011.
- TONINI, I. M. **Imagens nos livros didáticos de geografia**: seus ensinamentos, sua pedagogia. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 02, n. 04, 2003. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/148>. Acesso em: jan. 2022.